

O APAGAMENTO LINGUÍSTICO NA ESCÓCIA: ANÁLISE DA SITUAÇÃO DO GAÉLICO E DO SCOTS

Autor(a)¹;Náthaly Camily da Silva

Orientador(a)²:Prof. Dra. Daniela Vendramini Zanella

Resumo:Na Escócia, o processo de colonização inglesa provocou um profundo apagamento linguístico, afetando principalmente o gaélico escocês, falado nas Highlands e ilhas, e o Scots, usado nas Lowlands. A partir da União com a Inglaterra, em 1707, o inglês consolidou-se como língua de prestígio, associada à administração, à educação e ao comércio, enquanto as línguas nativas foram marginalizadas e estigmatizadas. O estudo investiga, sob a perspectiva da Análise Dialógica do Discurso (ADD), como políticas educacionais, religiosas e administrativas contribuíram para esse apagamento e como as ideologias linguísticas moldaram identidades e relações de poder. A pesquisa, de caráter qualitativo e bibliográfico, também propõe reflexões pedagógicas sobre o ensino de línguas e a valorização da diversidade linguística em sala de aula. Conclui-se que compreender o apagamento linguístico como fenômeno discursivo e ideológico permite promover uma educação mais crítica, que reconhece a língua como expressão de cultura, identidade e resistência.

Palavras-chave: apagamento linguístico; colonização; ensino de línguas.

¹ Universidade de Sorocaba, Sorocaba, SP, Brasil E-mail: nathalycamily25@gmail.com | Orcid:

² Universidade de Sorocaba, Sorocaba, SP Brasil. E-mail: daniela.zanela@prof.uniso.br | Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0331-545X> URL Lattes: <https://lattes.cnpq.br/5438619103724658>

LINGUISTIC ERASURE IN SCOTLAND: AN ANALYSIS OF THE SITUATION OF GAEELIC AND SCOTS

Abstract: In Scotland, the process of English colonization caused a deep linguistic erasure, mainly affecting Scottish Gaelic, spoken in the Highlands and islands, and Scots, spoken in the Lowlands. Since the Union with England in 1707, English has gained prestige as the language of administration, education, and commerce, while native languages were marginalized and stigmatized. This study, based on the Dialogic Discourse Analysis (DDA), investigates how educational, religious, and administrative policies contributed to this erasure and how linguistic ideologies shaped identities and power relations. The research, qualitative and bibliographic in nature, also proposes pedagogical reflections for language teaching and the appreciation of linguistic diversity in the classroom. The results show that understanding linguistic erasure as a discursive and ideological phenomenon enables the promotion of a more critical education that values language as an expression of culture, identity, and resistance.

Keywords: linguistic erasure; colonization; language teaching.

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo analisar o processo de apagamento linguístico ocorrido na Escócia a partir da colonização inglesa, destacando seus impactos sobre o gaélico escocês e o Scots, bem como discutindo suas implicações discursivas, culturais e educacionais. A pesquisa busca compreender como políticas linguísticas, educacionais e religiosas contribuíram para a imposição do inglês como língua de prestígio e poder, relegando as línguas nativas a posições de inferioridade simbólica e social. A partir do Ato de União de 1707, o inglês foi institucionalizado como idioma oficial do Estado britânico e expandiu-se por meio da escola, da Igreja e da administração pública, configurando um processo de colonização simbólica no qual o inglês passou a representar legitimidade e modernidade, enquanto o gaélico e o Scots foram associados à rusticidade e ao atraso.

A análise fundamenta-se na Análise Dialógica do Discurso (ADD), de orientação bakhtiniana, que compreende todo enunciado como um ato social situado, marcado por valores, tensões e disputas ideológicas. Sob essa ótica, o apagamento linguístico na Escócia não se limita à substituição de uma língua por outra, mas constitui um processo discursivo em que determinadas vozes se tornam hegemônicas, enquanto outras são silenciadas ou deslegitimadoras. O discurso que elevou o inglês ao status de língua legítima constitui um enunciado que dialoga com forças centrípetas voltadas à unificação e padronização, ao mesmo tempo em que marginaliza enunciados centrífugos, ligados à diversidade linguística representada pelo gaélico e pelo Scots. Assim, o apagamento linguístico é interpretado como resultado de embates discursivos nos quais sentidos, identidades e posições sociais são negociados e hierarquizados.

O estudo adota uma abordagem qualitativa, com natureza bibliográfica, e analisa documentos históricos, legislações e registros educacionais à luz da ADD. Considera-se cada documento como um enunciado concreto, produzido em condições sócio-históricas específicas e permeado por ideologias. A coleta de dados envolveu leitura analítica, fichamento e seleção de obras presentes em bases como Google Scholar, Scopus, JSTOR e SciELO, priorizando textos sobre políticas linguísticas, processos de apagamento e revitalização.

Assim, o estudo contribui para os debates sobre linguagem, poder e identidade no âmbito da Linguística Aplicada e da Educação, ao mesmo tempo em que reafirma o papel da escola como espaço de resistência e valorização das diferentes expressões linguísticas e culturais.

1.1 Metodologia

Esta pesquisa adota uma abordagem qualitativa, com caráter bibliográfico. O estudo se baseia na seleção e análise crítica de produções acadêmicas e legislações vinculadas ao apagamento linguístico na Escócia. O referencial teórico se apoia na Análise Dialógica do Discurso, fundamentada em Bakhtin, que entende a linguagem como prática social, histórica e ideológica. Essa perspectiva permite examinar como determinadas vozes se tornam hegemônicas, enquanto outras são silenciadas por processos de dominação linguística. A coleta de dados incluiu leitura analítica, fichamento e seleção de obras disponíveis em bases como Google Scholar, Scopus, JSTOR e SciELO. Os descritores utilizados foram: *linguistic colonialism*, *language power*, *Scottish Gaelic*, *Scots language* e *language revitalisation*. Os critérios de inclusão priorizaram textos que abordam políticas linguísticas, processos de apagamento e revitalização.

A análise documental segue os pressupostos da Análise Dialógica do Discurso (ADD), que concebe o documento como um enunciado concreto, produzido em condições sócio-históricas específicas e atravessado por ideologias. Nessa perspectiva, o documento não se apresenta como um conjunto de frases neutras, mas como parte de uma interação verbal, direcionado a interlocutores reais e inserido em uma cadeia discursiva mais ampla. Além disso, considera o dialogismo como princípio central: cada documento mobiliza vozes sociais diversas, dialoga com enunciados anteriores e antecipa respostas futuras, revelando tensões, disputas simbólicas e diferentes projetos de língua, identidade e poder. Por fim, parte da concepção bakhtiniana de que a linguagem funciona como signo ideológico; dessa forma, a análise enfatiza a produção de sentidos concretos, examinando como os documentos refletem, refratam, legitimam ou contestam visões de mundo que sustentam processos de apagamento ou revitalização linguística.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 Colonização inglesa e os impactos linguísticos

A colonização inglesa na Escócia ultrapassou a conquista territorial, configurando-se como um processo de imposição cultural e linguística capaz de moldar identidades e relações de poder (Pennycook & Makoni, 2007). Nesse contexto, o inglês consolidou-se como língua de prestígio, associada à administração, à educação e ao comércio, enquanto o gaélico escocês e o Scots foram gradualmente marginalizados e estigmatizados como linguagens de atraso e rusticidade (Dunmore, 2020).

A partir do Ato de União de 1707, o inglês tornou-se a língua oficial do Estado britânico, o que naturaliza sua posição hegemônica e impõe uma hierarquia linguística conforme a noção de “língua legítima” proposta por Bourdieu (1991). Nesse processo, o inglês funcionou como uma voz monológica dominante, enquanto o gaélico e o Scots representavam vozes

sociais heterogêneas , ou seja, vozes plurais e históricas que foram silenciadas, conforme a perspectiva bakhtiniana de heteroglossia (Bakhtin, 1981).

Discursos associados à modernidade, racionalidade e progresso naturalizaram a superioridade do inglês e reforçaram o colonialismo linguístico, conceito central de Makoni & Pennycook (2007). O resultado foi uma dinâmica na qual o inglês passou a ser percebido como neutro e universal, e as línguas nativas como inadequadas para a participação social plena.

2.2 Políticas linguísticas e educacionais

O sistema educacional escocês desempenhou papel central na imposição do inglês e na marginalização das línguas nativas. Após a União das Coroas (1603) e, principalmente, com o Ato de União de 1707, o Estado britânico passou a controlar progressivamente o ensino, o que transformou a escola em instrumento de padronização cultural e linguística (Ó Giollagáin et al., 2020).

Leis e regulamentos proibiam o ensino do gaélico, estabeleceu o inglês como única língua de instrução. Crianças que falassem suas línguas maternas eram punidas fisicamente, humilhadas publicamente ou excluídas de atividades escolares. Essas práticas criaram estigmas sociais que desincentivaram o uso das línguas domésticas e interromperam a transmissão intergeracional, consolidando a caracterização de um verdadeiro linguicídio (Skutnabb-Kangas, 2000).

Sob a perspectiva bakhtiniana, a educação funcionou como espaço discursivo de reprodução da voz monológica inglesa, não o inglês como única forma de acesso ao capital simbólico (Bourdieu, 1991). Ao internalizar a ideia de inferioridade linguística, os falantes passaram a abandonar suas línguas nativas em prol de oportunidades sociais, assim, consolidando a substituição linguística.

2.3 O papel da Igreja e da administração

A Igreja e a administração pública foram pilares da anglicização. Tradicionalmente, o gaélico e o Scots eram utilizados nos cultos e nos registros comunitários. A partir do século XVIII, o inglês passou a ser a língua dominante em cultos, registros de batismo, casamento e óbito, além de documentos legais (Withers, 1984).

A substituição do gaélico no espaço religioso consolidou o inglês como língua de autoridade moral e espiritual, reforçando sua associação com poder e prestígio. Ao mesmo tempo, a administração britânica oficializou o inglês como idioma de registro civil, restringindo a participação nos assuntos públicos a quem dominasse a língua dominante.

Essa articulação entre religião e administração representa um apagamento discursivo: o inglês passa a definir quem possui voz legítima e quem é relegado ao silêncio, reproduzindo relações de poder coloniais e internalizadas pelos falantes (Makoni & Pennycook, 2007).

2.4 As Highland Clearances e a fragmentação comunitária

Entre os séculos XVIII e XIX, as Highland Clearances intensificaram o declínio do gaélico. Famílias inteiras foram expulsas de suas terras ancestrais para abrir espaço à economia de criação de ovelhas, e desarticula comunidades baseadas no uso cotidiano da língua (Devine, 2018).

Os deslocamentos foram internos, para centros urbanos escoceses, e externos, para países como Canadá, Estados Unidos, Austrália e Nova Zelândia. Em contextos urbanos ou migratórios, o contato com o inglês predominante acelerou a substituição linguística, leva o enfraquecimento do núcleo de transmissão intergeracional do gaélico (Ó Giollagáin et al., 2020).

Do ponto de vista discursivo, o território funcionava como espaço de legitimação da língua, e sua perda implica o enfraquecimento cultural e simbólico do gaélico. Assim, a relação entre espaço geográfico, identidade e língua é central para compreender o apagamento linguístico sob a perspectiva das Ciências da Linguagem.

2.5 Estigma e ideologia linguística

O apagamento do gaélico e do Scots não se restringiu a medidas coercitivas: ele foi sustentado por ideologias linguísticas que naturalizam hierarquias entre línguas e falantes (Irvine & Gal, 2000). O inglês foi associado à modernidade e ao progresso, enquanto as línguas locais foram construídas como símbolos de atraso e pobreza.

Segundo Bourdieu (1991), o inglês assumiu o papel de língua legítima, dotada de capital simbólico necessário para acesso a oportunidades sociais, políticas e econômicas. O gaélico e o Scots, por sua vez, perderam prestígio, constitui-se como línguas de menor valor social, associadas ao campesinato e à inferioridade simbólica.

Essa dinâmica cria um ciclo de auto apagamento, no qual o estigma internalizado pelos falantes leva à descontinuidade da transmissão linguística. Do ponto de vista bakhtiniano, o processo silencia as vozes plurais e heterogêneas da sociedade escocesa, fortalece a voz monológica do inglês. Além disso, sob a ótica de Makoni & Pennycook (2007), trata-se de um

colonialismo linguístico, no qual as categorias de língua e falante legítimo são construídas para sustentar relações de dominação.

2.6 Análise

Esta análise parte da descrição histórica do processo de colonização inglesa na Escócia, que estruturou a imposição do inglês nas esferas política, educacional, religiosa e comunitária. O texto organiza-se em três eixos interpretativos, contexto histórico, análise semântica e interpretação discursiva, a fim de compreender como diferentes autores discutem o apagamento do gaélico e do Scots e como esse fenômeno se articula com ideologias linguísticas e relações de poder.

Ao examinar o contexto histórico, observa-se que a oficialização do inglês após a União das Coroas (1603) e o Ato de União (1707) consolidou uma hierarquia linguística que valorizava o inglês como língua legítima e moderna, enquanto o gaélico e o Scots foram associados ao atraso e à rusticidade. Instituições como a escola, a Igreja e a administração civil atuaram como aparelhos de padronização linguística, impondo o inglês como língua de autoridade moral, educacional e política. Eventos como as *Highland Clearances* intensificaram esse processo ao fragmentar comunidades e interromper a transmissão intergeracional das línguas locais.

A análise semântica evidencia que o apagamento linguístico configura uma disputa entre vozes sociais. Enquanto o gaélico e o Scots representam tradições culturais e identidades comunitárias, o inglês operou como voz monológica dominante, sustentada por políticas estatais e discursos de modernização. Essa dinâmica articula-se ao conceito de capital simbólico de Bourdieu, que explica a legitimação do inglês como língua de prestígio, e às reflexões de Makoni & Pennycook (2007) sobre o colonialismo linguístico, que revelam como categorias de língua e falante legítimo são construídas para manter relações coloniais de poder.

A interpretação discursiva, orientada pela Análise Dialógica do Discurso, indica que o apagamento do gaélico e do Scots não se limita ao plano histórico, mas constitui um fenômeno discursivo e ideológico. A supressão de vozes heterogêneas, a naturalização da língua dominante e a estigmatização das variedades nativas revelam que a linguagem opera como instrumento estruturante de identidade e poder. Assim como no texto-base da BNCC (Brasil, 2017), emerge uma tensão entre discursos de pluralidade e práticas institucionalmente excludentes.

Dessa forma, compreender o apagamento linguístico sob a perspectiva bakhtiniana permite reconhecer sua dimensão política e cultural, bem como a importância contemporânea de iniciativas de revitalização e resistência. A análise evidencia que a preservação das línguas locais depende da articulação entre políticas públicas, valorização comunitária e

reconhecimento das línguas como produtoras de cultura, memória e identidade, elementos essenciais para qualquer projeto educacional comprometido com diversidade e justiça social.

3 – DISCUSSÃO

A análise do apagamento do gaélico e do Scots na Escócia revela um processo complexo no qual políticas estatais, práticas institucionais e ideologias linguísticas contribuíram para a consolidação do inglês como língua hegemônica. Assim como a BNCC (Brasil, 2017) propõe garantir aos estudantes brasileiros o acesso à saberes linguísticos fundamentais para participação social, as políticas inglesas na Escócia buscavam restringir esse acesso, promove intervenção.o princípio de inclusão para impor uma hierarquia linguística que privilegiava a voz dominante e silenciava as línguas nativas. Nesse sentido, enquanto a BNCC defende a diversidade e a construção de visões de mundo por meio da linguagem, o colonialismo linguístico atuou justamente na direção oposta, suprimindo possibilidades discursivas, identidades e modos de existência vinculados ao gaélico e ao Scots.

Do ponto de vista teórico, os aportes de Vygotsky e Bakhtin tornam-se fundamentais para compreender essa dinâmica. Vygotsky (2000) entende a linguagem como prática social mediadora do pensamento; logo, o apagamento das línguas nativas representa não apenas a perda de um código comunicativo, mas o rompimento de formas específicas de organizar o mundo, transmitir conhecimento e construir memória coletiva. Complementarmente, Bakhtin (1997) enfatiza que os enunciados são constituídos por múltiplas vozes históricas, e que a heteroglossia é condição essencial da vida linguística. A imposição do inglês, portanto, reduziu a pluralidade discursiva escocesa, estabelece o que se pode chamar de voz monológica, processo também descrito por Makoni e Pennycook (2007) como característica do colonialismo linguístico.

O caso escocês deixa evidente como a construção de habilidades linguísticas legitimadas, conceito discutido por Bernstein (1996) em relação às competências, pode operar de forma excludente. Assim como ocorre na BNCC (Brasil, 2017), há uma tensão entre o discurso oficial e a realidade prática: embora o inglês fosse apresentado como instrumento de progresso, civilidade e participação social, sua imposição funcionava como mecanismo de supressão cultural e de marginalização identitária. A diferença é que, no caso escocês, essa tensão não se dá entre teoria e prática, mas entre dominação e resistência, já que o objetivo explícito das políticas era substituir as línguas locais por uma língua considerada superior e universal.

A estigmatização das línguas nativas, reforçada por práticas educacionais, religiosas e administrativas, ecoa a crítica presente no debate sobre interculturalidade funcional. Assim como alguns discursos educacionais brasileiros podem afirmar a diversidade enquanto mantêm estruturas de desigualdade, o projeto colonial britânico proclamava valores como modernidade e racionalidade, ao mesmo tempo em que deslegitimava culturas e saberes locais. O resultado foi a criação de hierarquias linguísticas (Bourdieu, 1991), nas quais o

inglês se tornou sinônimo de capital simbólico, enquanto o gaélico e o Scots foram relegados a posições sociais inferiores.

Ao confrontar esses elementos com o corpus analisado, legislações como o *Education Act* de 1872, documentos históricos, registros administrativos e materiais contemporâneos de revitalização, observa-se que o apagamento linguístico não deve ser compreendido apenas como processo histórico, mas como fenômeno discursivo e ideológico. As políticas linguísticas da Escócia produziram efeitos que ultrapassam o passado e ainda influenciam práticas identitárias, percepções de valor linguístico e projetos de revitalização.

Assim como a BNCC (Brasil, 2017) enfrenta o desafio de articular teoria e prática para promover um ensino crítico, plural e intercultural, a Escócia contemporânea precisa desenvolver políticas educacionais, culturais e midiáticas que resgatem as línguas marginalizadas e devolvam às comunidades o direito ao pertencimento linguístico. As iniciativas de revitalização do gaélico e do Scots demonstram que, mesmo após longos processos de silenciamento, as línguas podem ser reapropriadas como símbolos identitários e formas de resistência cultural.

Portanto, a discussão evidencia que compreender a linguagem como prática social implica reconhecer sua dimensão política. A colonização linguística na Escócia, assim como as desigualdades linguísticas presentes em outros contextos educacionais, como o brasileiro, evidencia que ensinar uma língua nunca é um ato neutro: é sempre um gesto ideológico, capaz de reproduzir ou transformar relações de poder. Ao analisar esses processos, abre-se espaço para reflexões pedagógicas que valorizem a diversidade, promovam práticas discursivas plurais e reconheçam o papel da escola como agente de resistência, memória e justiça cultural.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As considerações finais deste trabalho retomam a perspectiva sociocultural da linguagem e os fundamentos da Análise Dialógica do Discurso (ADD), que nortearam a investigação sobre o apagamento do gaélico e do Scots na Escócia. A partir da revisão bibliográfica e da análise crítica dos documentos históricos, legislações, práticas escolares e políticas de colonização, foi possível constatar que o estudo alcançou plenamente seus objetivos ao mapear os mecanismos de imposição linguística, identificar os processos de estigmatização e analisar as consequências socioculturais da substituição linguística.

A pesquisa respondeu à pergunta norteadora ao evidenciar que a colonização inglesa, ao articular práticas educacionais, religiosas e administrativas, atuou de maneira sistemática para marginalizar as línguas nativas, o que reforça hierarquias linguísticas sustentadas por ideologias de poder. Verificou-se que o apagamento do gaélico e do Scots não se limitou a medidas coercitivas, mas envolveu processos discursivos e simbólicos, conforme discutido por Bakhtin (heteroglossia e silenciamento de vozes) e por Bourdieu (capital simbólico e língua legítima). Assim como a BNCC (Brasil, 2017) demonstra tensões entre discurso e

prática, a história escocesa também revela contradições profundas entre a retórica civilizatória inglesa e a realidade de supressão cultural promovida pelo colonialismo linguístico.

O estudo demonstrou ainda que compreender a linguagem como prática social, conforme apontam Bakhtin e Vygotsky, é fundamental para analisar os efeitos duradouros da colonização. O apagamento das línguas nativas representou a ruptura de sistemas simbólicos, memórias coletivas e modos de significação, configurando-se um processo de desarticulação identitária que ultrapassa a esfera linguística e atinge dimensões culturais, históricas e subjetivas. A revitalização contemporânea do gaélico e do Scots, embora promissora, depende de políticas educativas e socioculturais robustas, que articulem teoria, prática e participação comunitária.

Dessa forma, o presente trabalho contribui para uma compreensão aprofundada das relações entre língua, poder e hegemonia cultural, reforça a necessidade de políticas linguísticas que valorizem a diversidade e promovam o reconhecimento das vozes historicamente silenciadas. A análise evidenciou que processos de apagamento linguístico, como o ocorrido na Escócia, também oferecem reflexões importantes para o contexto brasileiro, marcado pelo apagamento de línguas indígenas e pela imposição histórica do português como instrumento de controle colonial.

Conclui-se, portanto, que os objetivos da pesquisa foram atingidos e que a questão de investigação foi respondida de maneira crítica e fundamentada. Embora o estudo recupere os aspectos históricos e discursivos do apagamento linguístico na Escócia, também destaca a urgência de iniciativas que assegurem a revitalização das línguas minoritárias e a valorização da diversidade cultural. Assim, compreender o passado linguístico escocês contribui para a construção de práticas pedagógicas e políticas linguísticas mais inclusivas e emancipadoras, tanto na Escócia quanto em outros contextos atravessados por heranças coloniais.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BAKHTIN, Mikhail. **The Dialogic Imagination: four essays by M. M. Bakhtin**. Trad. Michael Holquist e Caryl Emerson. Austin: University of Texas Press, 1981. [Wikipedia](#)

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 5. ed. São Paulo: Edições 70, 2016.

BAUGH, Albert C.; CABLE, Thomas. **A History of the English Language**. 5. ed. [s.l.]: Prentice Hall / Pearson Education, 2002. Disponível em:

<https://sequentialnarratives.wordpress.com/wp-content/uploads/2019/08/541a3058a469bde11893419a6d970540-original.pdf>.

BOURDIEU, Pierre. **Language and symbolic power**. Cambridge (MA): Harvard University Press, 1991. [WorldCat](#)

BRASIL. **Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília, 2017.

DEVINE, Tom M. **The Scottish Nation: A Modern History**. London: Penguin Books, 2012.

DUNMORE, Stuart. **Language revitalisation in Gaelic Scotland: linguistic practice and ideology**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2019 (a publicação foi revisada ou mencionada em 2020). [Cambridge University Press & Assessment+1](#)

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2017. [Estante Virtual+2Docentes IFRN+2](#)

T BOURDIEU, Pierre. **Language and symbolic power**. Cambridge (MA): Harvard University Press, 1991. [WorldCat](#)

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 5. ed. São Paulo: Edições 70, 2016.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2017. [Estante Virtual+2Docentes IFRN+2](#)

IRVINE, Judith T.; GAL, Susan. **Language ideology and linguistic differentiation**. In: KROSKRITY, Paul V. (ed.). **Regimes of Language: Ideologies, Politics, and Identities**. Santa Fe: School of American Research Press, 2000. p. 35–84.

MAKONI, Sinfrey; PENNYCOOK, Alastair. **Disinventing and (Re)Constituting Languages**. *Critical Inquiry in Language Studies*, v. 2, n. 3, p. 137–156, 2005. DOI: 10.1207/s15427595cils0203_1. Disponível em: <https://criticallanguagepolicy.paginas.ufsc.br/files/2019/03/makoni-Pennycook-2005-disinventing-reconstituting-lgs.pdf>.

Ó GIOLLAGÁIN, Conchúr; Ó CURNÁIN, Brian; CAMSHRON, Gòrdan; et al. **The Gaelic Crisis in the Vernacular Community: A Comprehensive Sociolinguistic Survey of Scottish Gaelic**. Aberdeen: Soillse; University of the Highlands and Islands, 2020.

SKUTNABB-KANGAS, Tove. **Linguistic genocide in education, or worldwide diversity and human rights?** Mahwah, NJ: L. Erlbaum Associates, 2000. [Routledge+1](#)

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

WITHERS, Charles W. J. *Gaelic in Scotland 1698–1981: The Geographical History of a Language*. Edinburgh: John Donald, 1984.

AGRADECIMENTOS

Expresso minha profunda gratidão à minha família, pelo apoio incondicional e pela confiança demonstrada ao longo de toda a minha trajetória acadêmica. Cada incentivo, gesto de apoio e demonstração de segurança foram fundamentais para a realização deste trabalho, tornando possível a superação das dificuldades enfrentadas.

Agradeço, igualmente, ao meu namorado, Heitor, cuja presença e participação nas discussões relacionadas ao desenvolvimento deste estudo foram essenciais. A partir desses diálogos, surgiu a ideia do tema, e encontrei inspiração para prosseguir com dedicação e empenho. Seu apoio constante contribuiu de maneira significativa para a concretização deste trabalho.

Registro minha sincera gratidão aos amigos, que tornaram esta trajetória mais leve e humanizada. A presença constante, as conversas esclarecedoras e os momentos de descontração foram determinantes para equilibrar as demandas acadêmicas com o bem-estar pessoal ao longo de todo o processo.

Por fim, registro meu especial agradecimento à minha orientadora, cuja dedicação, paciência e olhar crítico foram imprescindíveis para o desenvolvimento deste estudo. Suas orientações precisas, comentários atentos e compromisso com a formação acadêmica contribuíram decisivamente para a qualidade e rigor deste trabalho.